



***A CASA, MEMÓRIA DA INFÂNCIA E SEUS SENTIDOS BORDADOS NA  
PRODUÇÃO POÉTICA***

***THE HOUSE, CHILDHOOD MEMORY AND ITS MEANINGS EMBROIDERED IN  
POETIC PRODUCTION***

Bárbara Calixto dos Santos<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Pelotas  
Associado/a/e ANPAP: Não

Eduarda Azevedo Gonçalves<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Pelotas  
Associado/a/e ANPAP: Sim

**RESUMO**

O presente trabalho intitulado A casa, memória da infância e seus sentidos bordados na produção poética versa sobre o meu processo de criação dos trabalhos artísticos “Lar Emmanuel” e “Memórias compartilhadas” e suas implicações teóricas no campo da discussão de gênero, no que tange aos aspectos de memória da casa da infância de uma menina negra. Os trabalhos bordados revelam as figuras que vão sendo retomadas pela memória e se reinventam. A pesquisa prática e teórica tem como referência o conceito de Escrevivências da autora Conceição Evaristo, assim como, a produção das artistas Rosana Paulina e Las Arpilleras chilenas.

**Palavras-Chave:** Pesquisa em poéticas visuais. Memória. Casa. Infância. Bordados.

**ABSTRACT**

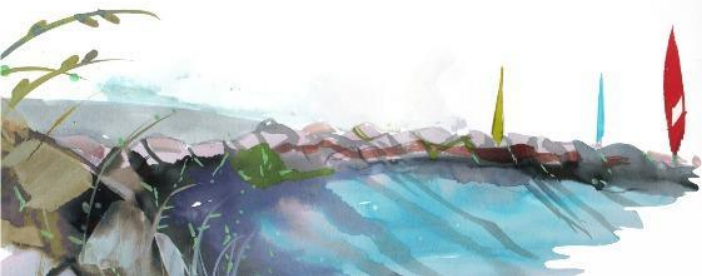
This work, entitled The house, childhood memory and its meanings embroidered in poetic production, deals with my process of creating the artistic works “Lar Emmanuel” and “Memórias compartilhadas” and their theoretical implications in the field of gender discussion, regarding the memory aspects of the childhood home of a black girl. The embroidered works reveal the figures that are gradually taken up by memory and reinvented. The practical and theoretical research is based on the concept of Escrevivências by the author Conceição Evaristo, as well as the production of the Chilean artists Rosana Paulina and Las Arpilleras

**KEYWORDS:** Research in visual poetics. memory. home. childhood. embroiders

---

<sup>1</sup> Formada em Artes Visuais, bacharelado pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e atualmente cursa mestrado em Artes na linha de poéticas do cotidiano pela mesma universidade. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0275341798998349>

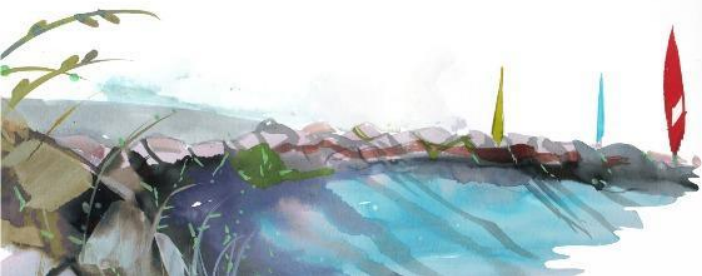
<sup>2</sup> Docente na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) <http://lattes.cnpq.br/4375817269121969> Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5374-9638>



## **Introdução (A Casa)**

O presente texto versa sobre a pesquisa intitulada “A casa, memória da infância e seus sentidos bordados na produção poética” e desenvolvida no Curso de Graduação em Artes Visuais Bacharelado, com o apoio de bolsa PROBIC/FAPERGS junto ao Projeto de pesquisa “A casa, as janelas e as redes sociais como continentes dos fazeres e da partilha da arte contemporânea durante e após a pandemia do COVID -19, a partir do sul do Brasil” e atualmente a nível de Mestrado, pelo Programa de Pós-Graduação em Artes- PPGARTES, sob orientação da Professora Dra. Eduarda Gonçalves e vinculada ao grupo de pesquisa Deslocamentos, Observâncias e cartografias contemporâneas- DESLOCC. O projeto teve como objetivo transformar a casa num continente de procedimentos que evidenciassem um modo de mover-se singular, com acuidade aos processos de sensibilização dos sentidos e indução aos pensamentos divergentes em contexto de vulnerabilidade sanitária, ou seja, pensamento que recria, que desvia, que ilumina os exercícios banais e corriqueiros da casa em manifestações artísticas por meio de sons, movimentos corporais, verbais e imagéticos. A professora passou a considerar o espaço domiciliar como espaço de prospecção, uma vez que na pandemia acabamos restringindo nossas saídas em grupo pela cidade de Pelotas e arredores , procedimentos adotados pelo projeto anteriormente. Nas primeiras orientações não sabia o que fazer e o que pesquisar, considerando que estava no início do curso e não tinha experiência com pesquisa em artes, mas esses encontros iniciais com a orientação da professora me ajudaram a me conhecer, como artista e a pensar sobre o que me motivava no contexto de formação em artes.

A proposta inicial era observar a casa, os objetos, os móveis e as janelas num deslocamento e um percurso dentro do espaço doméstico. No entanto, não me detive na percepção das coisas no interior, mas sim, postei-me a olhar o que acontecia pela janela era o que mais me interessava. Havia prédios, campo de futebol, pássaros



voando, pessoas caminhando, pessoas paradas amarrando o sapato ou interrompendo e desviando o percurso.

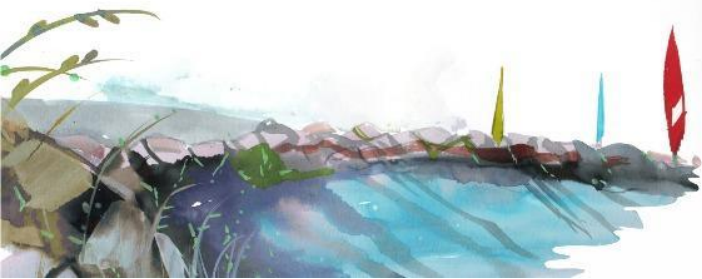
Pela janela comecei a reparar que algumas pessoas sentavam na esquina, numa escada e comiam um alimento dentro de uma marmita, foi quando me dei conta que eram pessoas em situação de rua e geralmente o alimento era doado pela comunidade e programas sociais e por um restaurante popular próximo ao meu apartamento.

Foi neste momento que comecei a questionar, onde essas pessoas em situação de rua se protegiam do vírus, onde se abrigavam no momento crítico da pandemia. Contudo, aumentava a atenção e a preocupação com a situação quando eu pensava sobre as pessoas que estavam na rua sem casa para se protegerem de doenças e intempéries. Então questionei: “e quem não tem casa fica aonde?” e partindo desse questionamento e por meio de orientação da pesquisa, procurei pensar em moradias utópicas. Segundo a filósofa Angela Davis, Conferência realizada no dia 13 de dezembro de 1997, em São Luís (MA), na 1ª Jornada Cultural Lélia Gonzalez

Eu realmente penso que utopia é quando a gente se move em novas direções e visões. Utopia no sentido de que precisamos de visões para nos inspirar e ir para frente. Isso tem que ser global. Precisamos achar um modo de dar conta e saber como vamos interligar nossas lutas e visões e chegar a algumas conclusões sobre como desenvolver novos valores revolucionários e, principalmente, como desatrelar valores capitalistas de valores democráticos. (Davis, 1997)

Ou seja, eu comecei a pensar sobre uma casa-sonho para as pessoas em situação de rua e vulneráveis e a temática passou a fazer parte de meus estudos práticos e teóricos. Isto é, uma pesquisa com uma série de trabalhos que perpassa a casa, a casa abandonada, a falta da casa, os terrenos vazios, o corpo-casa e por fim as minhas memórias de infância no Lar Emmanuel que abordarei nesse artigo.

Para desenvolver a produção artística no escopo da pesquisa, utilizo a metodologia de pesquisa em poéticas visuais e da pesquisa em arte que no estudo teórico e prático se refere a investigação do artista pesquisador. Segundo Sandra Rey,

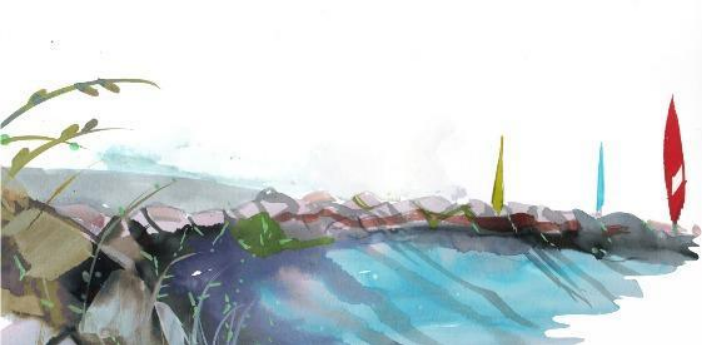


Pesquisa em arte, ênfase em poéticas visuais, delimita o campo do artista pesquisador que orienta sua pesquisa a partir do processo de instauração do seu trabalho plástico, assim como a partir das questões teóricas e poéticas, suscitadas pela sua prática. (Rey, 2012. p.2)

Igualmente, para o desenvolvimento da escritura e as características conceituais recorro as considerações sobre “escrevivências” concebido pela linguista Conceição Evaristo,

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais (Evaristo, 2020. p.30).

A Escrevivência evidencia o modo pelo qual processo a reflexão e a escrita que move os aspectos cognitivos que movimentam meu processo de criação, no que se refere às evidências de motivações que envolvem as memórias pessoais, e que me possibilita estabelecer imaginários ações oriundos das lembranças de infância e a sua atualização nos procedimentos da arte. Assim sendo, por meio das lembranças do território que habitei e vivi na infância, num lar de acolhimento, me possibilita falar de mim e ao mesmo tempo remeter as condições de moradia distintas de de outras crianças negras que habitaram e vivenciaram outros lares de acolhimento e com pais e familiares ausentes Também registro com gravuras em tecidos as memórias dos meus familiares que sempre compartilharam suas vidas através da oralidade em circunstâncias que nos encontrávamos e em alguns períodos em que pude residir com a família. Portanto, as imagens dos trabalhos são reminiscências que emergem de recordações de experiências de uma criança, assim como de fatos contados oralmente por tios, tias, entre outros. As figuras e cenas são



revisitadas e reinventadas no presente e re-elaboradas com bordamentos com linhas coloridas e contas.

Bordar foi uma das primeiras experiências que tive no lar de acolhimento. Lembro de algumas mulheres ensinando eu e meus colegas a tricotar cachecol, pintar panos de pratos com esboços de flores e a bordar as toalhas com nossos nomes em uma sala aconchegante, bem pequena, com tatames coloridos que nos mantinham tão próximos em tempos frios e chuvosos.

## O Lar Emmanuel

Geralmente finalizamos algo pelo nó, pelo ponto final, mas o bordado é instituído de nó a nó. O ponto de início na linha, para que não atravessasse no tecido sem deixar uma marca, um rastro, uma memória (Imagem 1).



Imagem 1. Processo de criação. Fotografia da autora

Quando era criança morei durante um período em um serviço de acolhimento na cidade de Cotia localizado em São Paulo, lugar conhecido popularmente como abrigo Lar Emmanuel (Imagem. 2). Era uma casa com portões grandes, um quintal com arquibancadas, quadrados coloridos na parede do quintal e a fachada da casa era rosa. Lembro também que a casa ficava em meio a floresta atlântica e a forma de chegar era por meio da estrada de terra. Havia muitas crianças e adolescentes. Os quartos eram enormes, tinham muitas camas e um guarda roupa em cada ponta. Íamos para escola de Kombi, algumas vezes saímos para passear de bicicleta ou a



pé. Também tinha uma quadra de futebol com um barranco rosa na lateral da quadra que eu adorava subir. Uma horta coletiva, onde colhíamos legumes e verduras para o almoço. Na época, era uma casa-lar acolhedora, afetuosa, gerido por mulheres que cuidavam muito bem de nós.

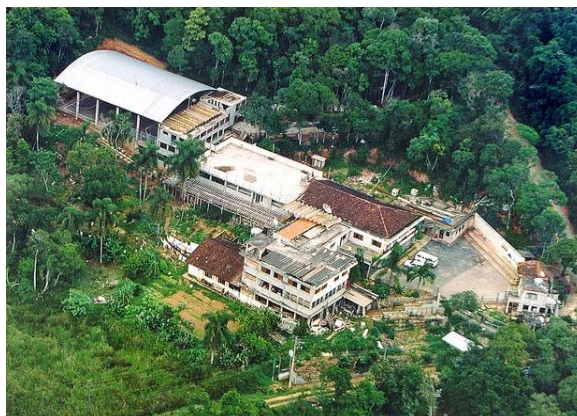


Imagem 2. Fotografia aérea do Lar Fraternidade Casa Emmanuel. Fonte: [https://nicelocal.br.com/cotia/public\\_services/lar\\_fraternidade\\_casa\\_de\\_emmanuel](https://nicelocal.br.com/cotia/public_services/lar_fraternidade_casa_de_emmanuel)

O primeiro bordado com contornos pretos que formam a casa e os elementos do jardim com plantas que preenchem de verde as laterais, representa a fachada do Lar. Enquanto bordava lembrava de acontecimentos que permeiam os espaços de casa, bordando a história a partir de lembranças sobre as coisas no interior. Assim que terminei o primeiro continuei bordando a história partindo de dentro de casa e então fiz um contorno de um guarda-roupa com linha preta e uma menina vestindo uma regata e um shorts azul, fruto de uma lembrança. Na época dividimos roupas, sapatos, às vezes a camiseta ficava grande e os sapatos não cabiam direito nos meus pés. No lar, havia um programa de amadrinhamento/apadrinhamento e fui amadrinhada por uma mulher que tinha adotado uma coleguinha que havia feito em outro abrigo e ela me visitava e também saímos juntas. Um dia ganhei um conjunto de roupas azul da moça que me amadrinou (um shorts e uma blusa) e registrei essa memória no bordado.

Após o término do bordado considerei a possibilidade de fazer uma série de seis bordados que ilustram a minha memória nesse lugar (Imagem. 3). Assim que terminei os dois bordados lembrei que no jardim lateral da casa, havia um enorme coqueiro com cacho cheio de coquinhos amarelos e me sentava abaixo dele para



comer o fruto que caía no chão. Iniciei um bordado do coqueiro oblíquo com linhas de tonalidades de verdes e marrons que davam volumes nas formas, coloquei bolinhas bem pequenas de miçangas marrons, laranjas e amarelas para representar os coquinhos. Igualmente, produzi um bordado colorido com bastante volume, preenchendo mais as formas com as linhas coloridas para representar as árvores, e os postes, assim como, utilizei as miçangas para destacar as casas de João de Barro que eu encontrava na rua de terra próximo ao lar. Logo depois, comecei a lembrar das brincadeiras com bolas, bonecas, amarelinhas e com as bicicletas. Então, Para finalizar a série fiz um bordado colorido que retrata as circunstâncias lúdicas que vivenciei. Fiquei um tempo pensando em como poderia apresentar os trabalhos no espaço e optei pela confecção de um varal de miçangas coloridas para suspender com prendedores os bordados. Considerei para esta montagem os dispositivos utilizados nas escolas para compartilhar os desenhos das crianças. Posteriormente, lembrei das histórias de Cordel que são dispostas em um tendal. O Cordel é um manuscrito com poemas, histórias e figuras impressas sob a técnica de xilogravura e penduradas em varal. Produzido e difundido no nordeste brasileiro no século XIX. O cordão que penduro em cada um dos bordados é transpassados com miçangas, que na cultura loruba e bantu presente nas religiões de matriz africana no Brasil simbolizam a proteção.





Imagem 3 (a,b,c,d,e, f). Figura 3. Lar Emmanuel I, Bordados em Varal de miçangas, 1,80 cm, 2022-2023 Detalhes dos bordados. Fotografia por Paola Fredes.

## Memórias Compartilhadas

O trabalho realizado foi uma série com 13 cópias chamadas 'Memórias compartilhadas I e II' (Imagens. 4 e 5). Usei a técnica de gravura em relevo, em que utilizo o linóleo como suporte e durante o processo de incisão da matriz gravei em 4 placas de aproximadamente 10 cm as figuras imaginadas pelas histórias que meus familiares compartilharam comigo, criando assim uma narrativa. Realizei a impressão da matriz em papel, como também em tecido que foi costurado em formato de pequenas almofadas com enchimento de algodão e gotinhas de óleo essencial. Cada cena traçada na impressão, possui uma história, um conhecimento que foi compartilhado comigo através dos meus familiares. O vermelho possui relação com a vida no campo e as colheitas de café, na cidade de Santana do Jacaré em Minas Gerais. O vermelho, com memória que a minha tem sobre a horta atrás de casa e após a mudança para o município de Embu das Artes- SP, fazer uma horta atrás de



# extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

casa na zona urbana do bairro. O amarelo com a minha tia que após o casamento, deu início a uma tradição na família de preparar pamonha na data do seu aniversário todos os anos e o roxo com a memória que o meu tio tem quando morou em uma casa que alagou, teve que se reerguer após perder os móveis e eletrodomésticos e atualmente não mora em lugares baixos.



Imagem 4. Memórias compartilhadas I, 2023, 20x20 cm. Fotografia da autora.



Imagem 5. Memórias compartilhadas II, dimensões variadas, 2023. Fotografia da autora.



Os bordados fazem parte de manifestações artísticas de mulheres que se referem a esta prática como modo de remeter às manualidades femininas que se constituíam no espaço doméstico. Busquei referências para essa produção artística, o qual foi realizada pelo bordado que revela o imaginário de recordações do lar Emmanuel e reconstitui imageticamente as narrativas e os conhecimentos passados pelos meus familiares através da oralidade.

### **Arpilleras Chilenas**

Arpillera é uma técnica antiga de confecção têxtil utilizando o bordado, costura e retalhos, criada por bordadeiras chilenas na comunidade de Isla Negra, no litoral chileno. Durante o regime ditatorial de Augusto Pinochet (1973- 1990) na cidade de Santiago, as mulheres chilenas criaram Arpilleras com o propósito de denunciar os desaparecimentos de seus maridos, filhos e amigos. Na confecção eram costuradas com pedaços de roupas dos familiares desaparecidos como uma forma de marcar a memória e não deixar que seja esquecida. Na época, o movimento das mulheres tomou proporção e através da luta e resistência com as arpilleras, além da denúncia foram reivindicados seus direitos de existência e permanência.

Motivado pelas mulheres chilenas, no Brasil foram confeccionadas arpilleras pelo movimento de mulheres que foram atingidas pelas barragens do Pará na Usina de Marabá, comunidades de Vila Espírito Santo (Marabá), Vila Landi ( São João do Araguaia), Bacabal ( Bom Jesus) e Usina Hidrelétrica de Belo Monte de Altamira. Em Minas Gerais, pela empresa Vale no município de Brumadinho e barragem do Fundão pela empresa Samarco no município de Mariana, entre outras. Mulheres que perderam familiares, amigos, suas casas e seus bairros.



# extremos

34º Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS



Imagem 6. Anônima. Chile, fim da década de 70. Acervo Roberta Bacic. Fonte: <https://arpillerasdaresistencia.files.wordpress.com/2012/01/catalogo-eletronico-arpilleras1.pdf>



Imagem 7. Paz, Justiça, liberdade anônima, fim da década de 70. Acervo de Alba Sanfeliú, Espanha. Fonte: <https://arpillerasdaresistencia.files.wordpress.com/2012/01/catalogo-eletronico-arpilleras1.pdf>



Imagem 8. Arpillera "Mulheres em Luta", produzida por mulheres da região do Tapajós - MAB. Fonte:



<https://brasildefatorj.com.br/2017/10/17/arpilleras-atingidas-por-barragens-bordando-a-resistencia-tem-estreia-em-sao-paulo>

Me aproximo das arpilleras pela bordadura da memória em uma época que a fala, as ruas e os nossos direitos eram negados. Hoje lutamos pela manutenção de direitos que visam viabilizar lutas, resistências, denunciar ludicamente o corpo e a casa que desapareceu ou corpo e a casa que são esquecidos diariamente nesse sistema capitalista.

Se o feminismo de primeira onda tentou a todo custo negar o espaço doméstico em nome de uma busca pela igualdade entre homens e mulheres e uma busca de ocupação dos espaços públicos, atualmente muitos textos feministas reivindicam a paisagem e os fazeres domésticos enquanto lugares de força e produtividade que precisam ser reconhecidos e valorizados, em resposta a desvalorização e violência histórica que o patriarcado pratica sobre esse lugar e os corpos femininos. (Batista, 2020, p. 44-45)

O processo de criação dos bordados e das gravuras evidenciaram a temática da memória pelas lembranças e narrativas familiares que me conferiu a referência do trabalho “Parede da memória” (Imagem. 10) da artista Rosana Paulino. A artista negra que cria uma parede com pequenas almofadas chamadas de patuá (na religião do candomblé são colocadas algumas ervas, cheiro e outras coisas dentro e representa a proteção) com fotocópias dos seus familiares. Assim sendo aproximo minha poética deste modo de partilhar e proteger a história vivenciada, com a possibilidade de denotar o bordado e a impressão como elementos que resistem ao apagamento do tempo, da sociedade, da cultura hegemônica branca.



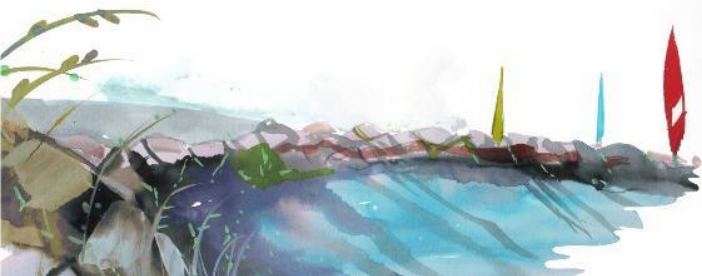
Imagem 10. Parede da memória, Instalação patuás em manta acrílica e tecido costurados com linha e algodão, fotocópia sobre papel e aquarela, 8 x 8 x 3 cm, 1994/2015. Fonte: <https://rosanapaulino.com.br/parede/>.

Este tecer, que mais simbolicamente representa uma maneira real de se colocar no mundo, procura também trazer à tona vestígios de momentos passados como aula de costura e artesanato tidas na infância e que, neste momento passam a ter um sentido totalmente diverso desvelando um universo escondido no mais profundo de mim. (Paulino, 2011, p.25)

No Lar de acolhimento e com as mulheres da família experimentei algumas práticas e saberes manuais. Aprendi a bordar e a tricotar em oficinas com mulheres, olhava minhas tias costurando com rolos de linhas coloridas, minhas tias me ensinaram a fazer cuscuz, uma comida típica do nordeste brasileiro feita com farinha de milho.

## Conclusões

O processo criativo que instaura os trabalhos bordados, as gravuras e os demais elementos que constituem a poética tem como partida das minhas memórias de minha infância e das memórias coletivas da família, as narrativas que me possibilitam encontrar a ancestralidade e as peculiaridades de um modo de existir e compartilhar por meio da arte. A cada lembrança outros trabalhos vão surgindo e junto novas referências artísticas e teóricas. As memórias que constituem o meu trabalho



são resistências minhas e de pessoas negras que estiveram comigo e me ensinaram por meio da oralidade. Minha mãe, meus tios, tias, tios avós e avós que não concluíram os estudos, mas me ajudaram para que pudesse estar aqui hoje, então quando eu falo sobre as minhas memórias e as memórias que foram compartilhadas comigo, trago a voz e os conhecimentos deles para um lugar que até uns anos atrás não estávamos ocupando.

## Referências

- DAVIS, A. (1997). Conferência realizada no dia 13 de dezembro de 1997, em São Luís (MA), na 1ª Jornada Cultural Lélia Gonzalez. Disponível em: <https://kamugere.wordpress.com/2011/07/05/as-mulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopia-angela-davis/>
- REY, S. (2012). Da prática à teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em poéticas visuais. **PORTO ARTE: Revista de Artes Visuais**, Porto Alegre-RS [S. l.], v. 7, n. 13, p. 1-15.
- EVARISTO, C. (2020). A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Li, Cons; NUNES, Isa. **Escrevivência: Escrita de nós, Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Editora Comunicação e Arte, p 26 – 46.
- BATISTA, L. G. (2020). A casa enquanto paisagem na obra de artistas brasileiras: Rosana Paulino, Conceição Evaristo e Aline Motta. *Palíndromo*, Florianópolis, v. 12, n. 28, p. 035–047. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/16422>.
- PALMA, A. D; Lopes, F; Volz, J; Bevilacqua, J. S; Nery, P; Piccoli, V. (2019). **Rosana Paulino: A costura da memória**. São Paulo: Pinacoteca.
- ARPILLERAS RESISTÊNCIA POLÍTICA CHILENA . Memorial da resistência de São Paulo. 2011. Disponível em: <https://memorialdaresistencia.org.br/exposicao/arpilleras/>
- AGÊNCIA PAPOCA. A história da xilogravura de cordel: O papel da técnica na essência da arte. LAART. Acessado em 16 jun 2025. Disponível em: <https://laart.art.br/blog/xilogravura-de-cordel/>